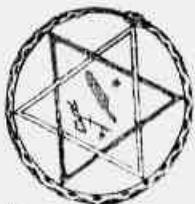


REVISTA AZUL



DIRETOR PROPRIETÁRIO: JULIO FERNETTA — REDATOR: DARIO VELLOZO

Publica-se duas vezes ao mês. Os originais remetidos à Redação não serão devolvidos, embora deixem de ser publicados. Assinaturas trimensais: Capital 2\$000; Fóra da Capital 3\$000. Pagamento adiantado.

Escriptorio e Redacção: Rua Quinze de Novembro N.º 17

SUMÁRIO

O amor materno	Justiniano de Mello
Cantor selvagem	Damasceno Vieira
Os peripatheticos	D. Marimma Coelho
Último acorde	Dario Vellozo
Os morangos	Marques Leite
Les cigognes	João Itiberê
A viagem	Silveira Netto

REVISTA AZUL**O amor materno**

E

A Educação pelos instintos

POR

JUSTINIANO DE MELLO

II

O AMOR MATERNO

Josquejemos, se é possível, a história do *amor materno*, dessa força que a cultura humana tem desdenhado até hoje para a reforma dos costumes e o melhoramento social. A educação tem sido promovida pela escola, ou, antes, foi substituída pela instrução; dali a sua influência meramente externa e aparente, dali as suas lacunas e vícios lamentáveis. A família, em vez de ser a cooperadora do mestre, desprovida como a vemos de todo ideal humanitário, de toda cultura científica, de toda disciplina e orientação moral, tornou-se em face do Estado, immobilizado pelo respeito à jurisdição paterna, o phantasma, o ludibriu dos esforços e das luctuções tendentes ao aperfeiçoamento progressivo da nossa espécie. A voz de um Pestalozzi, de um Michelet, de um Spencer, não pôde ainda romper a crosta da indiferença pública, nem vencer a inspiração do silêncio que se nota para vergonha nossa em torno da maior necessidade, do mais nobre committedo de nossa época.

Não devemos falar da *maternidade*, abstrahindo das condições varias em que ella se manifesta fora da espécie humana. Sóriá desconhecer a unidade da vida, a solidariedade de todos os seres, proclamada por um mesmo instinto, consagrada pelas mesmas dores. Duas leis abracam um enorme conjunto de factos, observados nos dois reinos da natureza orgânica. A primeira diz que o amor materno tem a mesma energia, no vegetal como no animal, no homem como no inseto. A segunda afirma que os cuidados da maternidade se prolongam à proporção que os seres se elevam na escala zoologica.

As famílias vegetaes morrem para conservar a vida da espécie. Algumas plantas, algumas arvores, que vêdes cobertas de flores, são martyres do amor materno: elles amortalham-se com a túnica do seu curto noivado, e desde que asseguram a existencia da prole, feneçem e morrem. Tampem os insetos, em grande numero, succumbem depois de haverem engendrado. Esse sacrifício do individuo à espécie tem alguma causa de tocante, alguma causa de moral e humano. Sob o pó da estrada, entre a relva mais humilde desliza m pequenos seres quasi imperceptíveis, hallucinados por esse mesmo sentimento, que julgamos pertencer somente a nossas mães. Que se observe a ternura das abelhas e das formigas na protecção dos soscovos e das suas larvas. Que diremos das aranhas?

O mundo dos passaros, o Imperio dos seres alados que oferecem tantos traços de semelhança com a mulher, inscreve-se na primeira lauda dessa historia maravilhosa. O infanticidio, que é commun entre os quadrupedes, parece quasi ignorado na familia dos passaros. «Ponde, diz Toussaint (*Le Monde des Oiseaux*), na primeira janela que se vos deparar um pobre pequeno pardal, orphão de pai e mãe e desterrado; imediatamente todos os pais e todas as mães dos arredores virão, uns após outros, trazer-lhe o comer. Os pequenitos pardões, apesar saídos do ninho, e que não têm ainda família, aproveitarão o ensejo para ensaiar-se na prática da maternidade. Nobre e tocante inspiração do sentimento de solidariedade universal que o homem não deixará de explorar com barbaria sem causa.» Dizem que a mulher ama os passaros, porque estes resumem toda a ternura materna, todos os prodígios de que esse admirável sentimento se exulta.

A historia dos passaros, acrescenta aquelle escriptor, confirmou para mim uma grande verdade que todos os meninos felizes puderão entrever na sua tenra idade, atraídos pelos beijos e das adorações de sua mãe, a saber que de todos os amores o mais sublime e o mais ethereo é o amor materno. Ninguem allia com mais firmeza do que a femea do passaro a sabedoria e o amor. Porque haja promessa de casamento e coabitación entre o macho e a femea, não penseis que o amante fique investido de todos os direitos de marido. Não basta ao macho uma palavra no ar ou uma cavaquinha mais ou menos bem trilada para que triunphe da resistencia da femea. Esta não se presta a gracejos sobre a materia, e não cederá às solicitações amorosas do seu novo senão depois de dar as ultimas bicadas ao seu ninho. Como ella sabe que o amor trará a familia, terá a força de senhorear os seus sentidos e de retardar a propria derrota até ao dia em que a pose de um domicilio confortavel a tiver completamente tranquillizado sobre as consequencias da sua fraqueza e sobre o porvir dos seus filhos.»

Notemos rapidamente a educação dada pelos animaes aos soscos pequenos. Esta é muito consideravel, embora seja geralmente ignorada. O piquino leva o filho á ponta do rochedo, e dahi o precipita ao mar. As aguias e os falcões ensinam aos filhos todas as variedades do vôo; —depois os industriam na tactica de surpreender a presa, e para isto vôam acima delles, deixando cahir pequenos animaes, a principio mortos, mais tarde vivos, ate que o discípulo se torne mestre na cynegética do ar. A gata acaricia, lambe, castiga e recompensa a prole inquieta, semelhante à rude camponezia que no seo amor inconsciente dá beijos e palmadas, passando rapidamente da indulgência a crudelidade, da alegria ao mau humor. A jovem macaca não é menos digna de figurar entre certas mães e professoras da época: ellas brincam com os filhos, quando estão alegres; mas os batem quando lhes passa pelo espirito alguma nuvem de mão agouro.

O amor materno é incontestavel nos quadrupedes. A corsa timida atinge furiosamente o inimigo que se aproxima dos filhos. O leão pode recuar atônito em circunstancias idênticas; mas a leoa espera a pé firme, e combate valentemente pela prole. Os tres seguintes factos são referidos por Zaborowski e Fouillée: Um caçador europeu, perseguido a uma femea de chimpanzé e chegando a matar-lhe o filhão, impressionou-se por tal forma com a natureza dos gemidos, dos gritos e da physionomia della depois do golpe, que segundo a expressão do mesmo individuo, pareceu-lhe haver commettido um homicidio. A propósito de um cercopitheco muito afliccionado a um pequeno macaco que elle adoptara e que vinha de morrer: «Sem cessar, diz Brehm, sem cessar elle se esforçava para reanimar o ser que acabava de perder, mas em

vão, e recomeçava as suas queixas e os seus gemidos. A dor o havia enobrecido e elle nos tinha profundamente commovido a todos. O terceiro facto é mais significativo. A voz queixosa de um joven macaco abandonado pela mãe na fuga desordenada, fez-se ouvir acima de minha cabeça. Um dos meos indios, conta Brehm, subiu à arvore. Desde que o macaco viu essa figura que lhe era estranha, soltou novo grito de accento particular, que achou novo eco no sentimento materno. Um tiro feriu á pobre mãe, que entrou a fugir, mas os gritos do filho fizeram-na voltar. Um segundo tiro sobre ella, que a não atingiu, não a impediu de saltar com dificuldade para o ramo em que se achava o pequeno macaco e de tomal-o rapidamente nas costas. Ella ia salvar-se, quando um terceiro tiro dado apezar de minha ordem, atingiu-a mortalmente. A infeliz apertou ainda o filho nos braços durante as convulsões da agonia, e caiu da arvore tentando salvar-se."

Vejamos o reverso da medalha. Abel Hovelacque (*Les Débuts de l'Humanité*) considera o infanticídio como um phénomeno muito generalizado entre as raças selvagens. Na Polynésia, afirma elle, o infanticídio foi geral, e em Tahiti recebeu a consagração religiosa. A confraria dos Areois contava-o entre os deveres mais sagrados. O neophyto Areoi tomava por juramento o compromisso de fazer morrer os filhos. Nota que o Areoi não passava no meio da civilisação em que vivia, como um sectario ou um furioso; mas que elle ao contrário, pertencia a camada dirigente da população, a tal ponto que o roubo e a pilhagem não lhes eram interdictos. Essa asserção do anthropólogo francez presta, entretanto, maior alcance ao facto contado por Dumont d'Urville:

« Os missionarios procuravam chamar os Areois a uma fé melhor. O seu primeiro cuidado foi para impedir aos Areois de matarem os filhos como o faziam para não se deixarem despossuir por elles. A mulher do Areoi Outai, cedendo à persuassão, concedera o que lhe pediam, consentindo em confiar os filhos aos Europeus para creal-os. Nota-se no desgraçado costume dessa seita o influxo das ideias políticas e religiosas, capazes de outras aberrações tão deploráveis; mas, em tais circunstâncias, o coração materno não deixava de reagir em prol da conservação da prole condemnada.

Malthus, no seu celebre *Ensaios sobre o princípio de população*, observa que semelhante instituição, tão fatal às crianças, não existe entre as classes inferiores, entre o povo de Otahiti: e Hume (*Essays*), acrescenta que em geral a permissão do infanticídio contribui para aumentar a população; pois, afastando o receio de ver multiplicar-se a família, elle anima o casamento, deixando que o imperio da ternura materna só recorra a esse triste remedio na ultima extremidade.

Hovelacque estriba-se na seguinte narrativa de Orbigny para concluir pelo habito das mulheres americanas em destruir a propria progenitura: « As mulheres vão dar à luz no meio dos bosques, à margem de um regato, no qual se banham imediatamente; mas muitas vezes elas matam de seguida o filho, seja porque os tenham bastantes, seja porque os primeiros não puderam viver. »

Ainda aqui o costume é o corolário das condições sociais em que vivia a mulher selvagem. Léamus Robertson (*History of America*): « Ha distritos na America onde a dominação dos maridos é tão cruel e tão dolorosamente accentuada (*this dominion is so grievous, and so sensibly felt*), que algumas mulheres, num^temoção selvagem de ternura maternal, matam as filhas ainda na infancia, de modo a livrá-las daquella intolerável escravidão a que se-rão condemnadas. »

Veremos adante que os aborigenes americanos, e principalmente os brasileiros, destacam-se entre muitas raças selvagens, pelo amor inequivoco que consagram às crianças. Visitemos agora a terra africana, cujas raças são, na expressão de Gustavo d'Eichthal, *raças mulheres*. Entre os Boschimans, diz Alphonso Bertillon (*Les races sauvages*), provavelmente a mais antiga raça da África austral, a mulher representa o papel de escrava e de besta de carga. Ela corre todo o dia com o filho à garupa, em procura de raizes selvagens, enquanto que o homem caça ou dorme. O amor materno é muito desenvolvido entre estas desgraçadas, ainda que a maternidade seja para elas um accrescimo de pena. Os caçadores de escravos soubiram tirar partido desse sentimento. Não podendo apanhar a mulher, porque ella foge com a ligeireza de um cavalo no terreno pedregoso do deserto, procuram assenhorear-se dos filhos, convictos de que as pobres mães virão ajuntar-se-lhes para velarem por elles. « O pae tem uma fraca

parte nessa dedicação: viu-se alguns que entregavam os filhos aos leões para sacia-los quando estes rodavam perante a cabana. Se a mãe morre durante o aleitamento, o filho é enterrado com ella. » Que faria este menino na terra sem sua mãe? — dizia um Boschiman.

As mulheres Hotentotes não se descuidam dos filhos. Conta Girard de Rialle, que o menino ao nacer, é banhado em urina de vacca, depois esfregado com cébo e seiva de figueira, salpicado de um pó odorífero, depois ligado por artifícios de couro ao cangote de sua mãe que elle não deixa mais. Os trabalhos da maternidade levam as mulheres a fumar em demasia, e para que os filhos se divirtam, elles lhes dão a saborear as delícias de um bom cachimbo!

Observam-se entre os Cafres as provas da mais exquisita delicadeza no amor materno. Entretanto, a tarefa assignada à mulher entre raças tão grossas, é extraordinariamente penosa. Raparigas gordas e alegres, quando solteiras, tornam-se emaciadas horríveis logo após o casamento. Conta um viajante que, chegado uma tarde a certa aldeia e deitado bem perto de uma cabana para ouvir o que ali se passava, foi despertado às duas horas da manhã por um ruido de grão que se estava a moer: « Mã, diz uma voz infantil, por que moer quando está tão escuro ainda? » A mamã embrulhou a pequena, para que dormisse, e deu-lhe matéria para um bello sonho, dizendo: « Eu faço farinha para comprar fazenda ao estrangeiro para que minha galantinha pareça uma princesa! »

Maudière assevera que o sentimento materno é muito vivo entre as Negras. Dizer, acrescenta elle, os cuidados, os afagos, as puerilidades em contraste com a figura e os gestos dessas mães, seria difícil. E esse amor não se enfraquece com a idade: eu vi velhas de cabellos brancos que não o cediam em nada à bondade e aos carinhos das nossas boas vovós. Uma cousa entretanto lhes falta em nosso ponto de vista: é o beijo tal qual nós o comprehendemos e o damos, e que me parece peculiar à raça branca. A chinesa e a anamita farejam os filhos, a negra parece lambê-los, mas não os abraça...

Em Maluco (Asia), diz Gabriel Ribeiro (*Notícias Ultramarinas*), as mulheres criam aos filhos em nascendo com os untar e esfregar com radadura de côco, e os botam de costas sobre as pernas e lhes tiram pelas orelhas para que chorem, e chorando engulam figos verdes assados de mistura com arroz cozido. E logo começam a beber a tuaqua, que não que limpia, engorda e refresca. Entramos na America, e ahi acharemos inumeros documentos para comprovar a ternura incomparável das mães.

O guerreiro norte-americano, diz Quackembos (*Historia de los Estados Unidos*), podia soffrir as suas proprias penas sem queixar-se; porém quando a desgraça tocava aos filhos, entregava-se ao mais violento pesar. Considerava como a maior calamidade que lhe podia acontecer, a morte de um filho que dava boas esperanças, e para resgatá-lo do poder dos inimigos, entregava-se a muide o pae para ser queimado em logar do menino... Mas alguns Pelles-Vermelhos enterravam o recém-nascido vivo com o cadaver da mãe que o amamentava « para que elle não morresse de fome », segundo diziam. Aqui aparece a figura lacrimosa das mães, como um protesto do instinto irrefletido contra a barbaria raciocinadora dos paes. — Se ha visto á una joven madre suspender el cuerpo de su desfunto nino en unas ramas colgantes de un florido arce, y cantar un lamento al objeto de su amor, al mismo tiempo que la brisa lo mecía (Quackembos).

Gonsalves Dias, no seu precioso livro sobre o *Brazil e a Oceanía*, entretem-se com essa bela historia da maternidade, a que Lubbock não consagraram nenhuma das paginas das suas duas grandes obras sobre o homem primitivo. É verdade que o ethnólogo inglez nos seus estudos sobre o período prehistórico (*Prehistoric Times*), depois de notar o desprezo, a deshonestidade, com que é tratada a mulher selvagem, *lida como ente inferior, destinada a ser mera escrava doméstica, mal compensada em sua afecção pelos maridos*, assevera que os paes entre as tribus brasileiras não têm nenhum amor aos filhos, e estes merecem apenas uma *afecção instinctiva* das mães. Este conceito extractado das viagens de Spix e Martius (*Reise*) carece de exactidão. Não sabemos que significação liga á sua expressão — *afecção instinctiva* — o famoso presidente do Instituto Anthropológico de Londres. Do carácter espontâneo, instinctivo e mesmo physico, que porventura apresente, não se deve concluir a fugacidade e pouca profundez da *amor materno*. O contrario é que rigorosamente seria o verdadeiro.

E a Gonsalves Dias que devemos essa excelente coleccão de noticias sisudas sobre os costumes domesti-

cos de nossas populações selvagens, da qual destacamos as seguintes informações de boa origem.

As mulheres entre os Botocudos obedecem servilmente aos maridos. Cobertas de numerosas cicatrizes, indicio de quanto têm a temer de uma cólera que facilmente se inflama; o maior peso da vida carrega sobre elas; tudo quanto não diz respeito à guerra ou à caça é da sua competência: construem cabanas, procuram frutos para seu sustento, vão buscar água e lenha, preparam a caça, fazem linha de pescar, tecem cordas. Nas marchas, caminham carregadas com o seu trem doméstico, e com os filhos pequenos, enquanto o marido vai orgulhosamente na frente só com o arco e flechas na mão. Em algumas tribus, porém, não são comparativamente tão infelizes.

Entre os Guaycurus, o marido ama ternamente a mulher: é verdade que bem pago fica, por que ella tem um desvelo excessivo em o agradar, ao qual quasi adoram. Amam os filhos.

Em quanto no ventre materno, as mães americanas não comprimem os filhos, como desgraçadamente em muitas partes usam as mulheres para occultar ou disfarçar a gravidez; os trabalhos e ocupações diárias a que se davam, não obstante o seu estudo, nem só lhes facilitava os partos como era também motivo para que os filhos não saíssem aleijados ou defeituosos, nem com esses vícios de organização, que nas cidades populosas tornam a infância doentia e miserável.

O Tupy amava os filhos, dava-lhes toda a liberdade, não os castigava, não os ameaçava nem intimidava; pelo contrário, os planos mais bem combinados eram poupados, as mais comodas habitações abandonadas pelos caprichos de um menino. As mães amaram extremosamente os filhos, ainda que se não excedessem em demonstrações de ternura; criavam-nos com a mais desvelada solicitude, e amamentavam-nos por longo período (tres e quatro annos, dizem alguns). Não os assassinaram nunca por defeito físico, ainda que fossem extremamente raros os defeituosos entre elles, facto que Robertson e outros, sem fundamento, explicam com o infanticídio. A causa disso seria outra, seria a actividade e exercício da mulher durante a gestação, a liberdade física em que viviam, não usando atilhos que pudessem embarraçar o perfeito desenvolvimento do feto, nem torturando e contrafazendo a criança com fachas e cintas.

Poderíamos additar a esses testemunhos, prestados por numerosos viajantes, o de Gabriel Soares, o estimado autor da *Notícia do Brasil*. Basta concluir esta curta exposição com o nosso grande poeta e etnólogo, Góisalves Dias: «A mãe é sempre mãe em todos os tempos e lugares: a natureza as aconselha divinamente e nelas desperta a indole carapel que, nem a maldade dos tempos em que vivem, nem a educação que receberam podem perverter completamente.»

Sobre a Oceania, diz Hovelacque, notoriamente insuspeito: «A família, tal qual a comprehendemos, não existe na Australia. Ela é toda natureza, e o pae não é considerado como parente dos filhos. Nessa nação, que não tem ainda nem estravos nem bestas de carga, é a mulher que exerce estes ofícios. E' no meio dos maiores trabalhos e tormentos, procurando ella mesma obter a sua ração de alimento, que a desgraçada mãe deve amamentar o filho, até que estanque a origem mesma do leite, muitas vezes até quatro ou cinco annos. E' muito certo que sem essa alimentação prolongada, incapazes de acharem elles mesmos a sua nutrição, os pobres pequenos morreriam literalmente à fome.»

Sigamos agora, em nossa peregrinação, a estrada do Oriente, e cheguemos a Índia, o mundo das surpresas na religião, do grandioso na arte, do estupendo na política, do misterioso na história, do incomprehensível na vida e na actividade social. Dirão que inventamos, se invocarmos um dos versos do *Rig-Veda*, para demonstrar que a Índia, em tempos imensamente remotos, conheceu o culto da maternidade: «Aditi, a mãe universal, é o céo; Aditi é a atmosphera; Aditi é a mãe, o pae, o filho; Aditi é tudo o que nasceu, e tudo o que nascerá ainda; Aditi é tudo o que existe, e tudo o que ha de existir; Aditi é a criação, Aditi é a vida». O altar era no cimo da montanha sagrada, sob o doce firmamento; o sacerdote era o chefe de familia, tendo ao lado a mulher carregada de rosas pura enfeitar o sanctuário.

Isto, porém, não durou sempre. Uma revolução, cujas causas ainda são desconhecidas abalou e destruiu o templo erigido pela fé dos homens ao divino princípio que inspirava aos poetas canticos repassados de mel e de per-

fumes. A mulher, a que era permitido o ensino do dogma, que travava do alauze para cantar nas festas religiosas, cercada de crianças coroadas de boninas, foi condenada bem cedo a mais atroz e hedionda escravidão. Aparece então o *brahmane*, isto é, o padre carrancudo, que lançou a mulher para o meio dos *sudras*, isto é, da classe abjecta, que não tinha direitos, nem na terra, nem no céo.

Um passo largo, e abordaremos o rio *Amarello*, no coração da China. Se ella não tem aristocracia militar nem sacerdotes, possui a corporação lettrada que presta examenes de moral theorica para ocupar e monopolizar os cargos publicos, e ama a polygamia. Para o chinez, o dia do nascimento de uma filha, é o mais desgraçado da vida. Ali se reproduzem as scenas de degradação e ignominia da mulher que observamos entre os povos selvagens. Encontram-na os viajantes a cultivar os campos, como fazem nossas polacas, com os filhos às costas, ao passo que os maridos resomam embriagados pelo opio. O pae vende de filha, e o casamento apresenta o carácter funebre dos enterramentos. Na China, como nos países mais civilizados, a lei protege a força contra a fraqueza. Convém observar que nos países em que reina a polygamia, as mulheres amam extremosamente os filhos.

Parce que podemos caracterizar com um só traço a physiognomia moral da China. No *império do meio*, o *instincto* foi suffocado pela *abstracção*; o *raciocínio* desthrôou para sempre o *sentimento*. A semelhança daquelle personagem de Shakespeare, que ameaçado de naufrágio, desejava uma morte secca; os Chinezes escaparam aos desastres e esforçamentos das paixões, que são o sal da terra, refugiando-se na salára de uma dialectica estéril, ou de um baccharelismo pedante.

Precisamos ir à Judea, onde a maternidade era um triunfo, a maior victoria da mulher, condenada a escravidão. Quantas pobres esposas deixavam-se desapossar do leito conjugal, para que os maridos pudesssem fundar a sua ambicionada descendencia! Entre os Judeus havia uma *maternidade ficticia*, consentida e mesmo procurada pela legitima esposa. A esterilidade era ali uma maldição, uma infâmia. Ao sentir no seio os primeiros espasmos do embryão, a pobre Judia exclamava num arroubo indetinivel: «*Tirou Deus o meu opprobrio!*»

No Egypcio o *princípio feminino* apparece através dos symbolos que ornam os monumentos. Se a propriedade da terra era reservada aos reis e aos padres, ninguém sabe comodo se a mulher constitua, como entre nós, propriedade do marido. Certos rituaes apresentam-nos egipcios a *jurarem obediencia às suas esposas*, nessa terra que Michelet chamou o maior monumento de morte sobre o globo!

Os Persas tinham um singular costume: antes da idade de cinco annos, um menino não se apresentava diante de seu pae, mas ficava entre as mãos de sua mãe. Isto se observa, diz Herodoto, porque se a criança morrer nessa primeira idade, esta perda não cause nenhuma angustia ao progenitor. Temos, nós, por suspeita essa piedade pre-facial dos paes: cremos antes que o bom senso dos Persas legalizou a posse dos filhos pelas mães nesse primeiro periodo da vida, em que a educação deve ser como um desdobramento da maternidade.

Não falamos do parentesco pela linhagem feminina, geral entre as raças selvagens: ella indica a tomada de posse do direito sobre os filhos, que a violencia masculina disputara e finalmente reconhecerá nas mães. A explicação offerecida pelo geral dos ethnologos sobre o assunto não nos parece correcta. A ignorancia da *paternidade* nessa phase suposta de *hetairismo* selvagem, não podia desarmar as pretensions dos machos sobre os productos das fêmeas. E' desconher que o homem é um animal *pretencioso* e que o *ciume* é um sentimento reflectido e quasi moderno. O pae disputou mais tarde e obteve a tutela dos filhos; mas estes que a principio foram lançados para fora da tribo,— costume que o *ver sacrum* reproduz em Roma sob a forma religiosa,— por quanto eram considerados como estranhos e representavam a descendencia e a família da mulher, deviam em tempos ulteriores ser os companheiros e auxiliares dos paes nos labores do campo ou nas lides da guerra. D'ahi a *expropriação materna*, se assim podemos dizer, que deu à *paternidade*,— a principio pelo uso do nome do filho, em algumas tribus, e pelas ceremonias, da *covvude*, em outras, a jurisdição disputada entre os esposos e constatada finalmente entre os povos barbares e civilizados. Se quisermos descobrir o primeiro vestigio da *transacção*, isto é, da abdicação da força, entre as nações primitivas, seria de mister pedir à *maternidade* essa notável revela-

ção. Assim o direito que para muitos não é senão a evolução da força, ou a transformação sucessiva da violência, parece antes uma resultante da transação realizada no seio da família e consagrada finalmente pela tribo. Foi a fraqueza, e não o valor, foi a mulher, e não o homem, que obteve esse primeiro triunfo, que se pode chamar o primeiro florão do direito.

Vemos mais tarde no México, no Peru, em Roma, a paternidade tornada o centro, a base da família. Láterrière (*Histoire du droit*) reconheceu esse facto, mostrando que o casamento não é no direito das XII taboas o fundamento da família, mas sim o *direito paterno*. A faculdade de repudiar a mulher, de reconhecer ou de repelir os filhos, que as leis gregas suppunham nos pais, é uma renemoração do passado, dessa phase da vida selvagem em que o homem se investia de toda a autoridade na família, e que a religião transmitiu como um dos appendices do culto doméstico. A mulher foi então igualada ao filho: já é um progresso para ella, que deixava de ser uma estranha ou mesmo uma inimiga vencida. As mães já finalmente se deparou o premio da sua constância na dedicação e na ternura!

Uma palavra sobre o direito moderno, q' é uma fusca reverberação do direito romano. Aqui nem o direito paterno absoluto, nem o direito materno. O *poder parental*, como o supõe o *Código Prussiano*, tem por fundamentos: 1.º serem os filhos partes do corpo do pae; 2.º o nascerem no seio de uma família, em que o pae é o superior; 3.º a necessidade que tem o filho de ser alimentado e educado, a qual o pae deve dar satisfação, o que não pode fazer, sem que tenha este poder quanto aos filhos. Que dizer a isto, senão que no reino alemão se entenda que os filhos eram como um braço ou como um outro qualquer órgão phisico dos pais, e que pode haver sujeição sem consentimento? Não será um efeito, antes que uma causa, incidir o filho sobre domínio do pae? Como ilagar deste facto um direito que lhe seja preexistente? Mais sabios nos parecem os barbaros Wisigodos, imaginando um *meio termo* jurídico, em que o pae e a mãe exerciam ou deviam exercer um igual poder sobre a família. Dessa attenuação na concepção do direito clássico, deriva a situação jurídica e transitória da família moderna, tal como a estabelece o Código civil francês. Entretanto, Demontombé, um dos maiores jurisconsultos modernos, sustenta a tese de que no estado actual da legislação da França, a mãe tem acção contra o chefe da família para obrigar-lo a dar instrução aos seus filhos menores..

Aqui cabe uma observação que não vimos produzida por ninguém. No estudo da história é preciso considerar, não só a parte dos *instinctos* como a da *reflexão*. Os primeiros não evoluem, antes perdem de intensidade e de força a proporção que os organismos se tornam mais complexos, e os individuos atingem os estádios mais elevados do mundo animal. A *reflexão*, porém, é a história toda no ponto de vista da evolução. E força confessar que parece estranha a pertinacia de alguns sabios, os quaes, à semelhança de Darwin e Spencer, procuram afanosamente comprovar o processo evolutivo dos *instinctos*. O nosso conceito, a ser rigorosamente exacto, como pensamos, daria uma nova direcção às pesquisas dos filósofos, que partindo da teoria de Lamarck, tentam a construção dessa ciencia geral, em que, na phrase de L. Geoffroy Saint-Hilaire, se vêm tocar por seus cimos e se unirem os ramos particulares dos nossos conhecimentos sobre os corpos organizados.

O domínio da ciencia está na *reflexão*; o das religiões, da literatura e das artes reside principalmente nos instintos, onde se entraña a inspiração. A ciencia tira o geral do particular, o immanente do accidental: tal é a marcha do método induktivo. Marcha opposta seguem as outras creações do espírito humano, que temos no meado: elles buscam o particular no immanente, o phenomeno numa lei superior, que é o ideal para o artista, a verdade para os crentes,

No ponto de vista científico, os instintos oferecem o aspecto de uma planicie desolada: elles são monotonos porque são iguaes, invariaveis e constantes. Para o poeta, para o pensador, que sentem a vertigem do desconhecido, o instinto é a barca phaeac em que vogam a salvo por todos os mares, os olhos fitos na estrela polar. Assim, é a poesia que vamos pedir a ultima pagina, e a mais bella, a mais eloquente, da historia do amor materno. Os poetas de todos os tempos o viram e amaram: as lyras soluçaram sob os deuses dos vates, e a maternidade contemplou-se, viu-se reflectida nos filhos das Musas.

Quem não conhece a evocação do XI canto da *Odysséa*?

A sombra de Anticlea, mãe de Ulysses, retrata neste discurso a alma de Homero: «Não foi Diana, de setas ligeiras, que deu-me a morte; não foi a doença que consumiu-me tristemente e arrebatou-me para o reino das sombras: foi o peso de não ver-te, a inquietação por teu destino, illustre Ulysses, foi a lembrança da tua ternura para comigo, que cortou-me a doce existencia».

As *Eumenides*, de Eschyles, assignalam o primeiro periodo de uma grande época litteraria: mas representam também, não as crendas ingenuas, ainda inconsistentes e fluctuantes, da imaginação popular; mas sim o dogmatismo inflexivel que gela o silêncio nas almas e confrange o coração. E por isto que do theatro do maior poeta tragico da Grecia se colhe o maravilhoso, mas animado de um sopro ardente de intolerância. Ali se vê defendida, e proclamada a tese de que o pae é o único autor do nascimento!

Davam a Eurípedes, o lyrico da scena, a alcumha esdrástica de *mysogino*, isto é, de inimigo das mulheres. Mas esse grego, teve palavras, scenas inteiras, de uma felicidade inaudita, para pintar as mais sorprendentes paisagens do coração feminino. Comecemos por uma das mais bellas tragedias do poeta, *Medéa*. A famosa princesa prepara-se para trucidar os filhos no delírio do ciúme. Ela os encara ainda uma vez: «Dae-me, meus filhos, dace-me vossa mão; quero beija-la. O' caras mãos, labios queridos, rostos amáveis, feições nobres dos meus filhos! Sabi, sahi depressa, que eu não posso resistir á vossa vista: vacillo, caio sob o peso incrivel dos meus males. Isto que eu vou falar, é horrível, mas a paixão que arrasta o homem aos maiores crimes é mais forte, choca e despedeça os conselhos de minha razão.»

Essa mãe, que para punir a infidelidade do esposo, para astornar-lo e vencê-lo pela dor, assassina os filhos teiros, inocentes, despertou na consciencia grega, não um forte movimento de repulsa, mas esse pasmo, mesclado de extase, que diversos monumentos, na tela e no marmore, tentaram perpetuar. Os modernos não comprehenderam essa admiração; e venho Schlegel acoimar de inveterosimil o motivo que levou a Medéa ao homicídio dos filhos. Mas podemos dizer com um critico do nosso tempo: «Ha sobretudo nessa mulher, que abraçando os filhos, cobri-los de beijos e de lagrimas, eu não sei que delírio, que voluptuosa materna, incomparável a tudo mais.»

Na *Medéa* de Glover, e na de Nicolini, ha remodelamentos que alteram a lenda, mas tornam menos horrível a physionomia dessa heroína do ciúme. A *Medéa* italiana, tem na voz, como um paroxismo do coração materno, quando os filhos, torturados pela fome, estendem-lhe as mãos supplices, e ella quer nutri-los com o proprio sangue:

Non poter ruolar mi vene

Fino all'estrema goccia e dir prendete

Nutritevi, bevete il sangue mio.

Que belezas não têm estos versos da *Medéa*, de Legouvé:

Ah! chers consolatores!

Il comprennent qu'un dieu crée dans nos misères

Les baisers des enfants pour les larmes des mères!

La fleur se tourne vers le jour!

L'enfant vers le bonheur!

Na *Andromaca*, de Eurípedes, a mãe oppõe estas palavras, mas que palavras! — ao assassino de sua filha:

Que! vós arrancareis esta tenra pomba de debaixo da azia da sua mãe?

Nas *Supplicantes*, do mesmo poeta, lemos este poema de uma phrase:

As mulheres receberam para chorar seus filhos não sei que poder de dor!

A literatura antiga do amor materno encerra-se nesses belos trêchos, alguns dos quais são contemporâneos, mas inspirados pela musa da antiguidade classica,

No terceiro seculo, segundo tradições que resistiram a mais severa critica dos incredulos, existiu na Caledonia um bardo admiravel, que cantando as proezas guerreiras dos seus compatriotas, teve versos de infinita tristeza para traduzir as angustias da maternidade infeliz. *Gaul*, é o heroe de um dos poemas do bardo: jovem guerreiro, elle vai ao longe tentar uma perigosa expedição, mas é assassinado. *Evirchoma*, a esposa do guerreiro infeliz, arrastada por um terrível presentimento, segue sobre fragil barca ao encontro do seu bem-amado. Mas ella tem um filho em terra ida:

«O esquife de Evirchoma entra à noite na baía de Ifrona, donde as vagas solitarias rolam na obscuridade troncos de arvores que a sombrêam. A lúa deslisa através das nuvens: ella se eleva entre os bosques sobre o cume da collina. De tempos em tempos as estrelas se mostram envoltas em frustos de nevoas, e de novo se occultam sob o veu de vapores.

A' esta claridade languida, Evirchoma contempla a beleza de seu filho : «Tu és amável, lhe diz ella, nos sonhos que amansam teu sono.» E vê-se que a mãe se inclina sobre elle, soltando suspiros : «Dorme em paz, meu filho ; eu vou procurar teu pão ao longo desta praia.» Tres vezes ella o deixa, e tres vezes ella volta. Qual rota que poisa a prole na fenda da rocha de Ulla, e que vai pela planície afóra, em busca do alimento, ella vê pendentes da arvore fructos roxos ; mas a ideia do falcão vem agitar sua alma, e por isto volta muitas vezes a contemplar sua família antes de gosados. Sconde-se a alma de Evirchoma, do mesmo modo que uma vaga à porta disputada pelo vento e pela escarpa.»

A' pobre mãe deparou-se, enfim... o cadáver do marido. Ela se sucumbe à fadiga e à dor, a pallida Evirchoma. «Seu filho sorri docemente nos braços della e entra a brincar com a ponta da lança. As palavras que ella me dirige, conta o poeta, foram poucas, e preferidas com voz fraca. Eu lhe estendi a mão : elia pô-la sobre a cabeça de Ogat, enquanto suspirava, trespassando-me a alma com o seu tocante olhar. Evirchoma não se erguerá mais. Doce criança orphâ, não te inclines mais sobre o seio de tua mãe !»

Em *Cathula*, outropoema de Ossian, uma tempestade desaba sobre o mar, e à barca onde dois esposos se abrigam, é despedaçada pelas vagas. Mas ali também ha uma mãe e um filho. Refugiados todos sobre um rochedo, batido pelas ondas implacáveis, o chefe dessa família de naufragos, busca, na escuridão da noite, descobrir um meio de salvação para ella, galgando os escombros em demanda da praia. A infeliz mãe fica ao desabrigado, abraçada com seu filho :

«Que será dessa esposa desgraçada ? O seu olhar prolonga-se para a praia obscura, mas o marido (*Cathula*), não pode vir... As vagas crescem sobre o rochedo. Já molham os pés de *Rosalie*, mas elles não te atingem, ó criança, tu estas nos braços de tua mãe ! Nas ancias da dúvida edo desespero ella pergunta a si mesma :

«Despertar-te hei, meu filho ? Não. Teus gritos rasgariam meu coração. Ah ! possas ser levado são o salvo para a praia.» Quando falava, uma lamina do mar envolve a estreita morada, e arrebata a *Rosalie* :

«Adeus ! meu caro filho !» A luz de envolta com as trevas brilha sobre as collinas de Sora. O pae, que volta precipite, não vê mais o escolho que ha pouco dominava as ondas. «A voz do sua dor enche a noite de sons plangetes. O marujo, que passa, ouve-o e volta o rosto para ver se é um canto do espírito do mar.» Mas, uma nota menos triste no meio de tanta dor : — a criança salva-se sobre o escudo em que a puxara sua mãe !

No ponto de vista literario, a idade-media assemelha-se aos parques mexicanos plantados de flores artificiais. Os *Eddas*, poem, reivindicam os direitos da natureza, e no episodio de *Grôa*, respiram as ternuras de um amor calmo e puissimo. *Grôa* falecera ; ella deixou um filho, que perseguido pelo temor do futuro, vem à noite ao tumulto de sua mãe pedir-lhe conselhos :

O FILHO

Desperta, ó Grôa, desperta, terra mãe, é seu filho que te chama ás portas do sepulcro ; ensina-lhe o caminho da vida.

A MÃE

Que queres de mim, meu unico filho ? Que dor te seabra para que me invoques assim do seio desta poeira em que eu durmo esquecida ?

Quem não se lembra, diz Eichhoff, lendo estes versos, da admirável scena de Achiles e de Thetis, ou a de Cyrene e de Aristéa, ou, antes, quem não acharia no fundo d'alma esse tão puro e tão verdadeiro sentimento de que a honra de uma boa mãe é o mais seguro penhor da felicidade ?

Nenhum dos grandes poetas do nosso seculo esqueceu o amor materno. Goethe e Byron, Schiller e Hugo, Heine e Lamartine. Também a pleia dos epigonos da poesia não ficou silenciosa ; e se os vates brasileiros não souberam ainda elevar-se à *impessoalidade*, na sincera apologia desse incomparável sentimento, a elle devem contudo algumas das mais bellas estrofes da sua lyrical. Ouçamos, porém, a voz de Victor Hugo (*Les Rayons et les Ombres*) :

«Folle morte ! Pourquoi ? Mon Dieu ! pour peu de chose !
«Pour un fragile enfant dont la paupière est close...
«Une femme du peuple, un jour que dans la rue
«Se pressait sur ses pas une foule accourue,
«Rien qu'à la voir souffrir devina son malheur.

«L'œil fixe, elle voyait toujours devant ses pas
«L'ouvrir les bras charmants de l'enfant qui l'a appelle ;
«C'est ainsi qu'elle est morte, en deux mois, sans efforts ;
«Car rien n'est plus puissant que ces petits bras morts

«Pour tirer promptement les mères dans la tombe.
«Où l'enfant est tombé, bientôt la femme tombe.
«Qu'est ce qu'une maison dont le seuil est désert,
«Qu'un lit sans un berceau ? Dieu élément ! à qui sort
«Le regard maternel sans l'enfant qui repose ?
«A quoi bon ce sein blanc sans cette bouche rose ?

Uma estrofe apenas de Luiz Ratisbonne, mas que é um quadro completo :

«Ils avoient perdu leur enfant.
«Je fus les voir : du pauvre père
«Je serrai la main en pleurant,
«Sans oser regarder la mère.
Nos Poemas dos bellos días, de Joseph Autran, uma quadra merece ser lida, e é a seguinte :

«...je te chanterai d'une voix libre et fière,
«Toi, pauvre nouveau-né, ton fils du paysan !
«Et l'heritier sans nom d'une obscure chaumiére
«M'aura pour son poète et pour son courtisan.»

E esta, nôrha duvidar, a literatura do futuro : a que tende suas raizes nos sentimentos mais íntimos, mais profundos, tende a elevar-nos acima das condições moraes em que vivemos, e a regenerar pela poesia e pela educação essa humilde porção de humanidade, que jaz no captiveiro d'alma e do corpo, despresa ou maldita.

Ninguem achará, à primeira vista, as relações que se travam entre o *patriotismo* e o *amor materno*. E' deste sentimento, entretanto, que um poeta contemporaneo, Derouléde, espera o rellorimento das glórias de sua patria. Léde nos *Novos cantos do soldado* :

«Mère, si ton enfant grandit sans être un homme,
«S'il marche effeminé vers son devoir viril ;
«Si d'un instinct pratique et d'un sang économie,
«La chair épouvantée à l'horreur du peril ;
«Si quand viendra le jour que notre honneur réclame
«Il n'est pas là soldat, marchant sans maugréer,
«O' mère, ta tendresse a mal formé cette âme,
«S'il ne sait pas mourir, tu n'as pas su créer !

Um dos mais aproveitados discípulos da escola chamada satânica, foi sem dúvida Espouceda. O poeta hespanhol teve algumas notas vibrantes para sublevar as paixões patrióticas de uma nação que viu murchar-se toda a flora opulenta dos seus grandes dias. Mrs eram momentos de lucidez, que lembram as últimas inspirações do autor do *Childe-Harold*. O poema que elle deixou inacabado, *El Diablo Mundo*, é quasi um arranco dessa insana esquifa, bebita por alguns versificadores brasileiros na prosa, não na poesia, de Alvares de Azevedo. Chama-se Adão o heroe do romance poetico caldeado pela imaginação fogoosa do Byron hespanhol. Aquelle personagem, quasi comicó, abistava-se numa quadrilha de saltadores. Enquanto os seus companheiros pilhavam a câmara habitada por uma grande dama, jovem e formosa, elle mirava-se ao espelho, ou contemplava as formas luxuriantes da beleza adormecida. Atacado pela ronda nocturna, e fugindo, foi achar-se á porta de certa casa em que uma velha mulher velava inconsolavel á cabeceira de uma filha ha pouco finada. Aqui aparece o satanismo do poeta. A casa era também um lupanar : homens e mulheres bebiham e dansavam, entoavam canções bacchicas, rompiam o freio à lascivie e à extravagancia, num alvoroço infernal. Adão notou o facto a pobre velha, que gemia a um canto :

«Ay ! respondió la vieja desolada,
Vivo de eso, señor ; no tienen nada
Que hacer esos señores
Comigo y mis dolores.
Vivan ellos allá con sus placeres
Y mientras besan el ardiente seno
De esas locas mujeres
Yo con el corazón de angustias lleno
Beso aquí solitaria en mi agonia
La boca di mi hija muda y fria

Dijo, y rompió con tan amargo llanto,
Que la voz le robó su sentimiento,
Y en su mortal quebranto,
Convertido en solloso su lamento,
El llanto que hiló a hilo le caía
Por suas mejillas pálidas curria.

Espouceda resgata todas as culpas do seu estro, enfiela-se entre os poetas da reacção moral de nossa época, pelas estrofes admiraveis que vão ser lidas. Adão pergunta com profunda fé à mãe desgraçada :

Donde, decidme, encontraré yo fuego
Que baje a esos ojos recobrar su ardor,
Donde las aguas cuyo fertil riego
Levante fresca la marchita flor?

E ella diz :

Pobre mozo, delira!
Si comprar esta vida si pudiera,
Esta vieja infeliz que yerta miras,
Por una hora sijuera,
Por um solo momento
De ver abrir los ojos celestiales,
Y otra vez escuchar el dulce acento
De la hija querida de su alma,
Que puedes figurarte que no haria?
Que crimen, que castigo
Por recordarla yo nos arrostrarria,
Y otra vez verla palpitar conmigo?
Sabes tu que una lucha es un pedazo
De las entrañas mismas de su madre?
Por un beso no mas, por un abrazo,
Y morriente despues, el mundo entero
Pidiendo una limosna correria,
Y con los pies desnudos y mi llanto,
Piedras entorpeciera en mi quebranto
Y al mundo mi dolor lastimaria.

O leitor nos perdoe ainda estes dous versos, porque sao de uma mulher inteligente. Na sua *Festa da alegria*, a ilustre escritora, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, suspirou estas duas notas de sua alma :

«A mãe que nos deu leite dos seus peitos
«Por muito má que seja é sempre boa.»

Cantor Selvagem

A Valentim Magalhães

Sob as nuvens douradas do occidente
—Cortinas de um palacio incendiado
O sol se abysma vaguerosamente
Como um guerreiro que voltou cançado
Da lucta triumphante.

E quando morre o dia
Surgem, d'entre a caligem do levante,
Como um contraste à funebre agonía,
—Alva como a Francesca, a infasta amante—
A lúa cheia, é, pallida, hesitante,
Vai reflectir a luz desfalecida
Sobre as paredes da modesta ermida
Do elevado alcantil Monte Serrate.

Entregue sempre ao interminio combate,
Arfa o mar, estendendo sobre a areia
As phantasticas rendas espumantes,
Que faz, defaz, ruindosas, incessantes,
Qual infante que em brincos se recreia.

Com soberba grandeza
—As largas velas pandas, enfunadas—
Demanda o porto uma galéra ingleza,
Que deixa sobre as ondas subjugadas
Larga esteira de espumas scintillantes.

De um sino ao longe as vozes supplicantes
Fazem appello aos corações descrentes.
Após a forte lucta pela vida,
Parece adormecida
Em sonhos resplgentes
A cidade que o nome tem dos entes
Que a Egreja canoniza.

Em meio do formoso panorama,
Que o perfume das mattas embalsama
E o bello plenilunio romantiza,
Ouço cantar na fronde da palmeira
Um sábia mavioso.

Minh'alma toda inteira
Concentra-se no canto harmonioso,
Que começa por timida surdina
E pouco a pouco sobe, n'um crescendo,
N'uma escala argentina

De gorgiegos, de trilloz, qual mais vario,

Como imitando o canto de um canario.

Depois, amortecendo,

A voz esvae-se a segredar baixinho

Como uma recatada confidencia

De maternal carinho.

De novo só o canto—aérea flauta—

E, sob aquella magica influencia,

Meu coração saudoso,

Como é saudoso o nauta

A vagar sobre o pégo proceloso,

Bem distante da plaga natalicia,

Parece contemplar—santa delicia! —

O sólo rio-grandense, as varzeas longas

Batidas do pampeiro, os rios extensos,

Verdejantes cochilhas, bosques densos

Em que ressoa o martellado grito

Das brancas arapongas...

Parece contemplar o lar bendito,

Frontes meigas que osculo soridente

E, circumdado de um clarão divino,

Um vulto a que ajoelho humilde e crente.

Como um compasso á grata melodia,

O mar, tambem saudoso, além batia...

Exclamo, ouvindo o poema peregrino,

A diva orchestra do cantor selvagem:

«Tivesse eu azas como tu, ó ave,

E atravessando o ar soffregamente

Levaria ao Rio Grande uma homenagem! »

E o musicos suave,

Calando a symphonia commovente

Como se acaso ouvisse o meu desejo,

Desprende-se da fronde, e em forte adejo

Engolifa-se no azul

E n'amplidão desfere o vôo ardente

Em direcção do Sul.

Percorre, ó ave, a terra hospitaleira

Que deu à historia mil varões prestantes

—Bento Gonçalves, Canabarro e Netto...

E, como prova de sublime affecto,

Entrega a meus irmãos belligerantes

Um ramo de oliveira!

DAMASCENO VIEIRA.

Os peripatheticos

(J. MÉRY)

Gouve na antiguidade uma seita encantadora denominada a seita dos peripatheticos, verdadeiros philosophos que dormiam de dia e velavam de noite: tinham a respeito do sol uma ideia fixa; consideravam-n'o como um astro enfadonho, egoista e espião, um astro que se entrometia nos negocios de toda a gente, que introduzia os seus raios por toda a parte, tornava as cidades ruidosas, os campos inhabitaveis, os passeios desertos, e obrigava os homens a ocuparem-se constantemente d'elle. Além de tudo isto, accusavam o sol de ser a origem de todas as doenças, do todos os flagellos, de todas as loucuras humanas; os seus pretendidos benefícios não eram senão ciladas. Aquelles que consjavam n'elle e aspiravam o seo calor, ganhavam uma pleurisia, cahiam sob a apoplexia fulminante ou perdiam a razão.

Os peripatheticos malquistaram-se com o sol, e exilaram-n'o á perpetuidade do seu horizonte grego. Só saham de casa ao despontar das primeiras estrelas, para se reunirem nos rochedos dos promontorios, nos molhes dos seus portos e na areia prateada das praias, — aonde falavam da natureza das cousas, das funcções da alma, do destino dos homens, dos mysterios da criação. Enquanto os rhetoricos e os sabios disputavam calorosamente no Portico, no Lyceo ou á sombra dos platanos do Academus, os peripatheticos saboreavam o philtro subtil das dormideiras do Morpheo, em alcovas tenebrosas como as grutas cimmericas onde se esconde o palacio do Somno. Só as estrellas confiavam os segredos da sua philosophia e as mysteriosas confidencias das suas conversações.

Esta nobre seita desapareceu; apenas se poderiam ainda achar alguns restos nos parques e ruas de Londres, nas noites quentes do estio.

Graças á tolerancia da políciaingleza, sombras peripatheticas erram ainda sob as arvores de Saint-James, nas lages exteriores da abbadia vizinha, em volta da estatua equestre de Leicester e ao longo dos *trottoirs* das pontes. O gaz, as estrellas e a liberdade protegem estes passeantes nocturnos e aconselham conversas silenciosas que não podem acordar em sobresalto os cidadãos amigos do sonno.

Entre nós, em Pariz, os regulamentos da polícia oppoem-se a toda a manifestação peripathetica. Os parisienses são obrigados por lei a preferir o sol ás estrellas, — dia à noite. Só M. Arago tem o privilegio de passar a noite no alto do Observatorio e de passear á claridade da grande *Ursa* e de *Orion*. Meia noite dada, o prefeito condena-nos todos ao sonno e á reclusão domesticá: é prohibido aos cidadãos estudar astronomia e philosophia chaldea na linha dos boulevards. Condenam-se a uma enorme multa theatros e cafés que não fechem as suas portas á duodecima badalada da noite. E o *couver-feu* da edade media, retardado tres horas depois de 89, mas é ainda o *couver feu*.

Em vez de castigar ou de conduzir ao corpo de guarda visinho aquelles que preferem as estrellas ao sol, um polícia bem avisado deveria ao contrario dar aos cidadãos noctambulos, aos philosophos phalenos, aos peripatheticos da republica franceza, um bom premio de coragem. Estes amigos da noite vigiariam a segurança das ruas, a livre circulação dos burguezes retardados, os assaltos aos balcões, as primeiras faiscas de incendio, emfim todos os accidentes imprevistos que as trevas, a solidão e a ausencia dos guardas podem fazer nascer n'esta capital, onde a parcimonia da municipalidade se obstina a não crear *policemen nocturnos*, a exemplo dos ingleses.

Todavia, alguns traços da seita peripathetica se acham ainda nos terraços das nossas residencias de verão; apezar d'isso, porem, nós permanecemos eternamente, a este respeito, na retaguarda dos nossos vizinhos. Sob o bello ceo da Italia e das Hespanhas, as nobres tradicções da antiguidade teem sido fielmente conservadas até aos nossos dias.

O castello do conde de Saverny, tão graciosamente construido nas eminencias que coroam

Granada e a cercam como uma *corbeille* de verdura, reune todos os annos, na bella estação calmosa, alguns ardentes partidarios das estrelas e da frescura. Concordou-se alli que o dia começaria ás nove horas da noite para terminar ao romper da manhã. É uma importação italiana, de que a Hespanha é devedora aos artistas ultramontanos que propagaram a moda da sesta, e fizeram della uma instituição nacional. Cantam com os grilhos, para se calarem com a *calhandra*. A sociedade de Saverny passou, homens e mulheres, ao estado peripathetico. Ella acha que um sol só, é insufficiente para recrear a vista, e quente de mais para a refrescar: prefere contar aos milhões os soes tranquillos da noite, e as estrellas duplas que Humboldt descobrio e que não são outra causa mais que dois soes gemelos pregados lado a lado na mesma face do ceo.

A' hora da reunião, um orvalho luminoso irrompe do firmamento, e dá á immensa paisagem das collinas de Granada uma tinta que jamais pincel algum reproduziu, porque jamais paleta alguma inventará as cores e nuances da noite. É apenas o clarão burguez do dia que se deixa surprehender pelo primeiro moedor de vermelho e de verde.

Só Deos pode juntar ao seu immenso e eterno museo este divino quadro, cujo ceo é um tecto de estrellas, cujo solo é uma massa confusa de florestas sombrias, de bosques odoriferos, de plainos infinitos, de collinas suaves, de elevados cumes de arvores, de herdades formosas, de lagôas coroadas de alamos e teixos de folhagem negra.

MARIANNA COELHO.

Ultimo accordé

Esse amor que sonhei, que sonhaste,—querida,
E cantou-nos no seio apaixonadamente;
Amor brave e fatal, cuja mão suicida
Lançou-nos dentro da alma o philtro da serpente;

Esse amor tão subtil, tão risonho e tão bello,
Que dizia ao luar os rimances de Ophelia
E tinha a candidez de formosa camelia
E a escultura pagã de soberbo castello;

Esse amor, que era o mar dos anhelos de Haydée,
E, ora altivo, ora manso, era a nossa alegria;
E levava ao luar dulcurosa harmonia,
Repetindo, ao luar, uma antiga epopeia:

— Esse amor peregrino, impiedoso e forte,
Lançou-nos o sarcasmo agravante e maldicto
Que arroja o coração aos términos da morte
E a illusão amortalha em negro sambenito.

E a nossa alma, a chorar, desvalida e tristonha,
Não mais goza o prazer dos amores felizes...
Já não pensa e não sente e não scisma e não sonha,
Cadaver,—sobre o peito enormes cicatrizes.

Alma,—filha da dor, filha do pranto amargo
Dos olhos de Eloah, dos olhos de Caim,
Pobre archanjo, a morrer, em pélagos mais largo
Que os limites do ceo—sem principio e sem fim;

Alma,—filha da dor, que o silencio te envolva
E o sepulcro te abrigue, apiedado e nobre;
E que a tua tristeza as culpas te absolve,
Alma outr'ora tão rica, alma agora tão pobre!

Esse amor que sonhei, que sonhaste,—querida,
E cantou-nos no seio apaixonadamente,
Foi o germe cruel do pezar suicida
Que nos invade o corpo e nos desvaira a mente.
Não o maldigo, porem, formosa Eleonora ;
Que esse amor tão subtil, tão risonho e tão bello,
Ensinou-me o paiz da illusão sonhadora
E dos gozos do amor o soberbo castello.
Não o maldigo, porem, pois que foi elle o mestre
Que ensinou-me a beijar-te a pequenina bocca,
E na estreita prisão do degrado terrestre,
Deo-me a taça do amor e da voluptá louca...
Hoje, ha entre nós dous todo um longo passado...
Separam-nos agora eternos impossíveis...
—Mas, não posso olvidar o teo rosto adorado,
Rasguem-me embora o peito abutres invisiveis !....

DARIO VELLOZO.

Os Morangos

*N*oite serena de verão.

A sala de jantar do velho Mendes estava iluminada e o ambiente saturado pelo perfume das jardineiras e pelas risadas sans e crystalinas.

Havia alegria em toda a casa. Nêne, completava as suas dezesete primaveras e, toda arteira e nervosa, mostrava as suas curiosas amigas, a variada e artística colleção de mimos que recebera.

O velho pae, satisfeitosíssimo, elevava as virtudes e talentos da filha, n'um recanto da sala, em palestra com os companheiros de escriptorio.

Derrepente, entrou um criado trazendo uma fruteira de porcellana, barrada de flores chinezas e coberta por finissima toalha rendada.

N'um cartão assetinado, em letra breve e firme, lia-se o offerecimento :

—E' de primo *Jaujão*, exclamou ella contente.
—Vamos vêr o que é, disseram todos, avidos de curiosidade.

—Morangos : fructas de minha predileccão, respondeu Nêne, apressando se a experimentalos.

Uma longa e gostosa gargalhada estalou.

Nêne, com o rosto afogueado, com os labios muito vermelhos, entre-abertos, deixando ver o moranguinho entre os dentes alvos, tentava quebral-o debaide.

Os morangos eram de vidro e admiravelmente imitados.

MARQUES LEITE.

Les Cigognes*A Mr. Emile Sigogne*

*Avez-vous vu passer les cigognes pensives
Comme une blanche ligne à travers l'air brumeux
Et prendre leur haut vol vers les lointaines rives
Des lacs d'azur que dore un soleil fabuleux ?*

*Avez-vous contemplé dans leur tranquille essor
Ces pâles voyageuses
Dont les ailes neigeuses
Palpitaien dans l'éther, lourd d'un peu d'ombre encor ?
Ne vous sembla-t-il pas voir, comme une lueur,
S'envoler l'essaim de vos rêves infidèles ?
Oh ! que ne suis-je donc ces cigognes, mon cœur,
Pour m'enfuir avec eux d'un palpitemt d'ailes !*

JOÃO ITIBERÉ.

A Viagem

(Continuação)

IX

PALMYRA

*Y*o dia 25 chegámos ao Rio dos Patos, assim denominado pelo rio que ahi faz barra no Iguassú, à direita.

A lanchinha parou no porto.

Desembarcámós, subimos uma pequena ladeira e logo deparou-se-nos a vista alegre da colonia. E' uma cidade em miniatura.

Ruas direitas e preparadas a capricho, revelando o gosto de quem as fez.

Ao lado da primeira, que começa na margem do rio, eleva-se a egreja tosca, mas elegante; logo apoz, fazendo frente para outra rua, acha-se o escriptorio da commissão.

Estes edificios e o viaducto « Dr. Carvalho », que se encontra mais adiante, na segunda rua, foram photographados pelo Philinto, instantaneamente.

Parámos no escriptorio, de onde tendo bebido um profundo copo... de cerveja, dirigimo-nos á casa do Sr. Lícino, bem montado estabelecimento commercial; ahi jantámos e à tarde fizemos um passeio, conhecendo diversos pontos do lugar cuja primeira denominação foi de Rio dos Patos, sendo mais tarde dado á colonia o nome de Palmyra, em homenagem ao Dr. Viléroy, então delegado de Terras.

Os trabalhos de medição foram começados em 1889.

Nesse tempo havia ahi uma taverna pauperíma, cuja casa ainda ve-se agora, como admirando o poder do trabalho que transformou aquelle sitio habitado por alguns caboclos que d'elle extrahiam herva matte, em uma paragem bonita e cheia de vida e que possue um magnifico porto de onde exportaram, em 1891, cento e vinte mil arrobas de matte.

A colonia tem mais, alem da preparada egreja e do escriptorio, seis casas commerciaes montadas com esmero, que compram e exportam herva matte; um bom padreiro, um cemiterio conservado, uma escola e mais meia duzia de casas particulares.

Junto á povoação está a colonia que tem 16 lotes rurais, povoados por nacionaes e estrangeiros polacos que se dedicam á lavcura e á extracção do matte.

Tem havido plantações de centeio, milho, feijão e hortaliças.

Em fim, o esforço humano já patenteia n'esse apreciavel lugarejo os resultados do seu poder fecundo, derribando as mattas e abrindo novas veredas por onde se estendam as arterias do progresso.

(Nos artigos sobre as colonias, prestam-me grande auxilio as informações do distinto e ilustrado cavalheiro o Sr. engenheiro S. E. vos Saporski.)

(Continua)

SILVEIRA NETTO